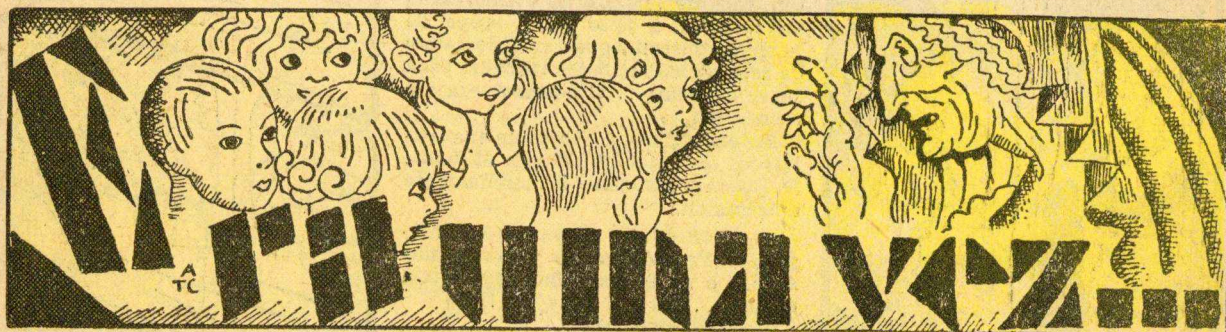


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



A VIAGEM DOS ANÕES

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



RÚS! trús! — ouvi eu à porta.

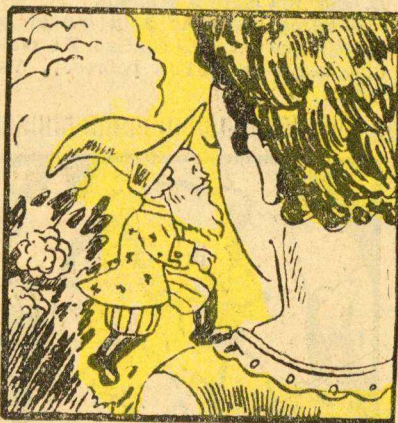
Mal a abri, fiquei surpresa de ver os nossos dois anõesinhos, o Sabichão mais o Ignorantão que,

de braço dado, como dois bons amigos, se curvaram, na minha frente, aos cumprimentos.

— «Olá!» — exclamei, admirada. O que os traz por aqui?»

O Ignorantão sorriu-se, satisfeito.

O Sabichão, parecia, preocupado. Ora coçava o nariz, ora coçava a



— «Então, vocês abandonam Lisboa, e os leitorzinhos do Pim-Pam-Pum?» — tornei eu, pasmada.

— «A senhora fica a substituir-nos. Eu vou visitar a terra dos Esquimáus, único sítio, no mundo, onde ainda não puz o pé e o Ignorantão também quer acompanhar-me nesta longínqua viagem» — respondeu, por fim, o Sabichão, assumindo a responsabilidade do empreendimento.

— «Estamos com muita vontade de provar óleo de foca, carne de urso branco e de ver se os pequeninos esquimáus nos acharão tanta graça, como os meninos de Lisboa» — expli-



orelha, ora coçava a cabeça, com um ar comprometido, como se tivesse sido apanhado em flagrante delicto!

— «Alguma ... tramaram vocês! Assim, tão juntinhos!...» tornei eu, desconfiada.

— «Verdade, verdadinha, a senhora tem razão!... Mas eu não me atrevo a dizer-lhe o que é!» — exclamou, cada vez mais atrapalhado, o amigo Sabichão.

Resoluto, o outro avançou um pouco e falou assim:

— «Combinámos partir para outras paragens, é o que é!»



A EXTRAORDINARIA AVENTURA DO TÓNIO

POR LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

— «Sei lá, menina!... A senhora D. Eugénia não costumava fazer-me confidências!...»
E voltou-lhe as costas, malcriadamente.



Em vista deste acolhimento, Maria Eugénia mais se convenceu de que a madrinha cortara, de vez, com ela, as suas relações, e ate dera ordens para lhe não dizerem a direcção.

Ela sabia bem que D. Eugénia, além de algumas roças em S. Tomé, possuía também propriedades em Moçambique.
— «Sabe Deus onde ela estava, agora!...» — pensava ela.

E desistiu de a procurar.
Entretanto, o marido, advogado, pobre e doente, foi piorando... piorando... e um dia morreu, deixando-a sozinha no mundo, com o seu Tónio, Maria Eugénia vendeu os últimos móveis para pagar o enterro. E decidiu trabalhar, para criar o filho. Como tinha muito jeito para roupa de homem, conseguiu que o antigo alfaiate de seu marido lhe desse trabalho para fazer em casa... E assim vivera até àquele dia...

Enternecida com a coragem e as qualidades de trabalho da sua afilhada, D. Eugénia abraçou-a demoradamente e exclamou:

— «Pronto!... Acabaram-se as lágrimas. Trata de reunir todas as tuas roupas e as de teu filho, para virem comigo... Vá!... Eu ajudo!...»

— «Mas, madrinha!...»

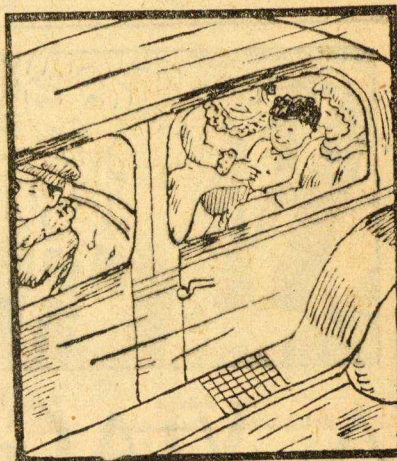
— «Qual mas nem meio mas!... Quem manda sou eu!... Vamos, Tónio!... Toca a ajudar!... Não gosto de gente pasmada...»

E pela face da senhora, caíam lágrimas em fio... Mas eram lágrimas de alegria, tais como as que nesse momento choravam Tónio e a mãe.

E depois de tudo emalado, as pobres roupas de Maria Eugénia e de Tónio, D. Eugénia disse à afilhada:

— «Amanhã virás aqui buscar os móveis que quizeres contigo. E o resto distribuí-lo-ás pelos pobres... Vamos!...»

— «Um momento, minha senhora!...» — pediu o Tónio, corando muito. — Queria ir despedir-me da senhora D. Ludovina e agradecer-lhe!...»



— «Tens razão, meu amor. Não podes esquecer, nem ser ingrato para essa senhora. Vai...»

E enquanto o rapazinho atravessava a rua, a correr, para ir despedir-se da modista, D. Eugénia abraçava de novo a afilhada, segredando-lhe:

— «Que feliz tu foste no meio das tuas desgraças... Tens um filho que vale todos os tesouros do mundo!...»

cou o Ignorantão, radiante da sua vida.

— «E como fazem vocês essa viagem tão arriscada?» — indaguei, curiosa.

— «Já aqui temos um ramo de pinheiro, onde vogaremos por este rio abaixo!» — disse o Ignorantão.

— «Não percebes nada, de nada!» — interrompeu o Sabichão, dando uma gargalhada que lhe alargou a bocarra, até às orelhas.

— «A senhora não repare no que êle diz, mas também não julgue que a viagem é arriscada para um anão, cheio de experiência e recursos, como eu! Vamos montados num ramo de pinheiro por este riozinho adiante; depois, quando o riozinho se transformar em rio, dentro dum bote navegaremos até ao alto mar. Ali passaremos para um navio e desembarcaremos, então, na terra mais distante a que êle chegar.

Em aeroplano viajaremos o mais longe que pudermos. Chegadas às terras do gelo, em skis deslisaremos por ali fora, até às regiões habitadas pelos amigos Esquimáus, pelos ursos, focas,



e outros bichos divertidos. Ora aqui está, o que temos tenção de fazer.»

— «Então, tu não tens pena de deixar de escrever aos leitorzinhos do Pim-Pam-Pum?»

— «É isso o que me custa! Mas, mais tarde, se me der *la gana*, quantas

cousas interessantes poderei contar-lhes! Levo-os, a todos, no pensamento e no coração!» — disse, enxugando uma lágrimazinha teimosa que lhe embaciava os olhos.

Já o Ignorantão se encavalitara no ramo do pinheiro que bojava na água do riozinho.

Num pulo certo, o Sabichão veio encarrapitar-se no meu ombro e deu-me um beijinho de despedida; depois, saltou também para cima do ramo e, enquanto deslisavam por ali fora, iam cantando:

— «Vamos, pois, nós os dois, os anões, aos baldões, a vogar, té ao mar. Voltaremos, ou não? Essa é que é a questão!»

E, assim, desapareceram da minha vista, os anõezinhos, acenando-me com as mãos, num adeus saudosos.

A ESTRADA PRINCIPAL

Por ADELINO DUARTE ALVES

ERAM uma vez três meninos: Luizinho, Luciano e Mário.

Um dia passou pelo seu país encantado um velho de barba branca, e disse-lhes:

— «Meninos, agora, que já sois grandinhos, deveis aprender a caminhar. Vejo que as vossas pernas são fortes e gordinhas. Eu vos indico as estradas para chegardes ao vosso destino.

«Aquele, é um atalho verde e pedregoso: há perigos, há barrancos. Seguindo-se por êle, contudo, abrevia-se imenso o caminho.

«Esta aqui, na vossa frente, é uma vereda muito escarpada, e a cada passo se encontra um perigo e um precipício. Descendo por penhascos e despenhadeiros, encurta-se metade do caminho.

«A última estrada, porém, é a estrada principal, própria para carros e carruagens. Cómoda e bela mas longa e muito distante da cidade.»



Os meninos, cheios de curiosidade, queriam pedir explicações ao bom velho; explicações e conselhos mas o velho desapareceu repentinamente.

Aos meninos não restava senão despedirem-se e seguirem por um daqueles caminhos.

Não questionaram sobre a escolha.

Luciano tomou o atalho pedregoso: não tinha paciência, era inteligente e cabeçudo, e tinha pressa de chegar...

Mário que era corajoso e forte, sem medo dos perigos, seguiu pela vereda perigosa e mais curta.

Luizinho, que era bom, tranqüilo, paciente e constante, encaminhou-se, sem hesitação, pela estrada larga e cómoda.

Passaram os anos, e os meninos chegaram ao termo da sua viagem no mesmo dia.

Para lá dos três caminhos — o de Luciano, o de Mário e o de Luizinho — abriam-se tôdas as portas da maior cidade do mundo: a Vida.

E todos, por fim, chegaram ao seu destino.

Se não tivessem ouvido a voz uns dos outros, não se teriam reconhecido.

Luciano estava magro e tinha o rosto macilento; no seu caminho, cheio de pedras, havia caído, muitas vezes, ferindo as mãos e os joelhos. A meio do caminho tinha encontrado as senhoras Desilusões, que não o deixaram mais até ao fim do atalho.

Estava cansado, desiludido e não tinha vontade de entrar na grande cidade.

O Mário!... Esse havia escorregado e caído pela terrível encosta, por onde veio aos trambulhões. Tinha, porém, encontrado duas pessoas que o tomaram pelo braço e tardaram a deixá-lo. Chamavam-lhes a senhora Desgraça e a senhora Dôr. Com estas duas companheiras de viagem, o pobrezinho tinha caminhado devagar porque eram tão velhas como o mundo.

No último lance da estrada, viu-se obrigado, para prosseguir, a couraçar o próprio coração com tôdas as coisas boas que êle ainda encerrava.

Somente Luizinho, jovem, belo e ardente, estava cheio de coragem e de fé. Encaminhando-se pela estrada mais ampla e mais longa, sem pressa, tinha juntado e ganho tesouros para dispender na grande cidade.

Ajudado pela senhora Bondade, que encontrara no caminho, havia dado grandes esmolas de conselhos e de pão espiritual. Agora, feliz e contente, rico e cheio de fé, tinha arranjado um belo alojamento na grande cidade que se chamava Vida.

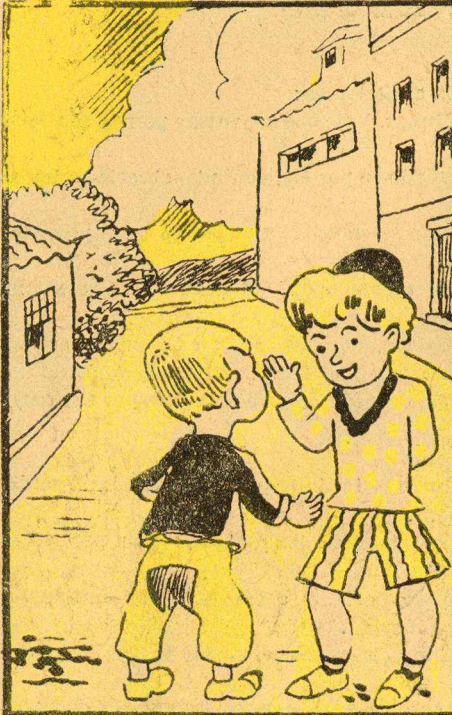
Então, Luizinho, era rico, era belo e era, também, muito bom.

Tomou pelo braço os seus companheiros, que se sentiram fortes e melhores com o seu amparo, e todos entraram, assim, na grande cidade, a cujas portas se abriam os três caminhos: o atalho, a vereda e a estrada principal.

F I M



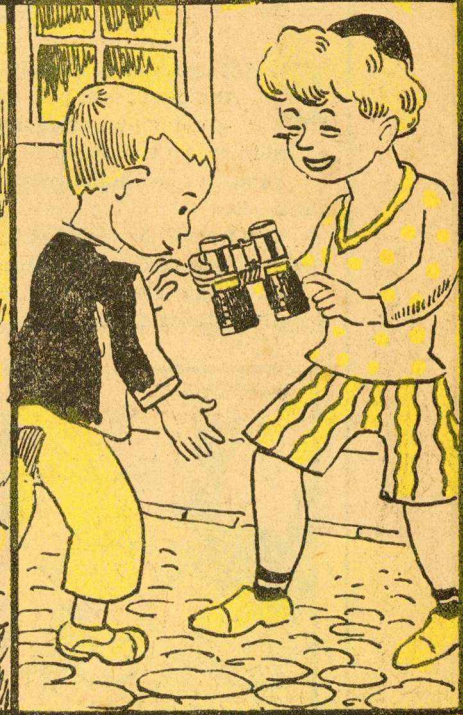
A VELHACARIA



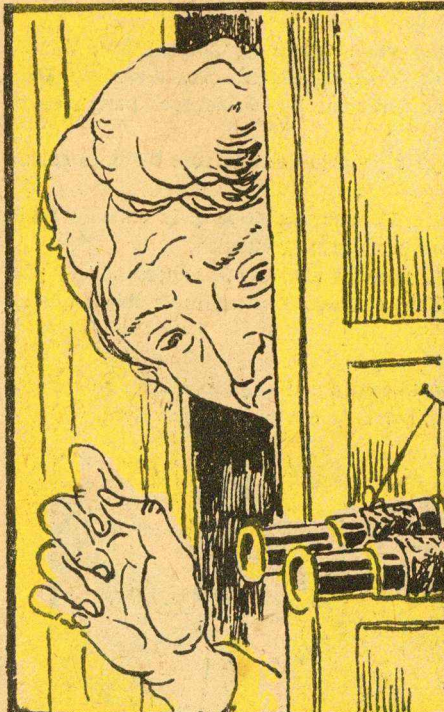
I — Zezinho era um menino rico que gostava muito de brincar com o pequeno Tônio, filho do caseiro, motivo porque Zezinho procurava o modesto amigo que morava, com a avózinha, numa humilde habitação que só tinha uma porta e um postigo alto.



II — A avó do Tónio não se opunha a que o seu Tónio brincasse com Zezinho mas com a condição deles se não afastarem da porta, dizendo-lhes que, de vez em quando, espreitaria à fechadura para ver se eles lhe desobedeciam.



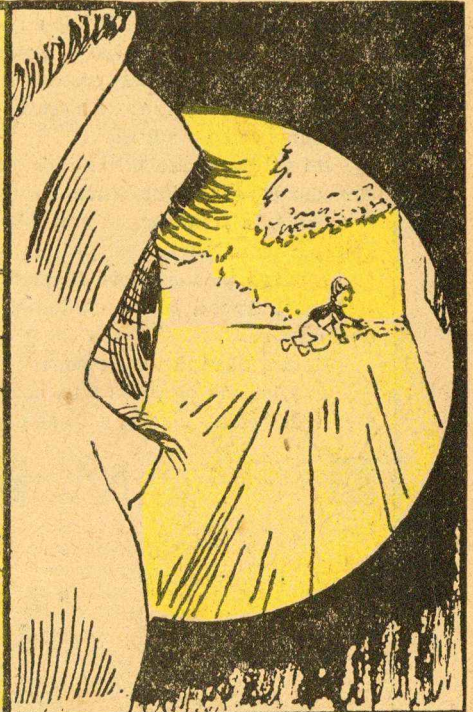
III — Como o desejo de Tónio era brincar na estrada, que passava longe, teve uma idéia: — enganar a avó, pedindo ao Zezinho um binóculo, a fim de o colocar sobre a fechadura, preso pelo lado de fora.



VII — Afliça, abre a porta e repara, então, na «marosca».



VIII — E, de castigo, fecha a porta à chave e não o deixa brincar mais com o Zezinho.



IX — Toninho, chorando, vê agora o seu amigo a brincar sozinho, espreitando pela fechadura... mas tão longe que nem percebe o que ele está fazendo.

A DO TONINHO ■



IV — Dito e feito. Ei-los colocando o binóculo no orifício da fechadura. Mas, devido à sua ingenuidade, colocam-no ao contrário.

V — E afastam-se, supondo que a avó do Tônio, os veria sempre perto.

VI — Passado pouco tempo, a avó espreita através da fechadura e vê-os, surpreendida, a uma imensa distância; chegam a parecer mosquitos na outra banda.

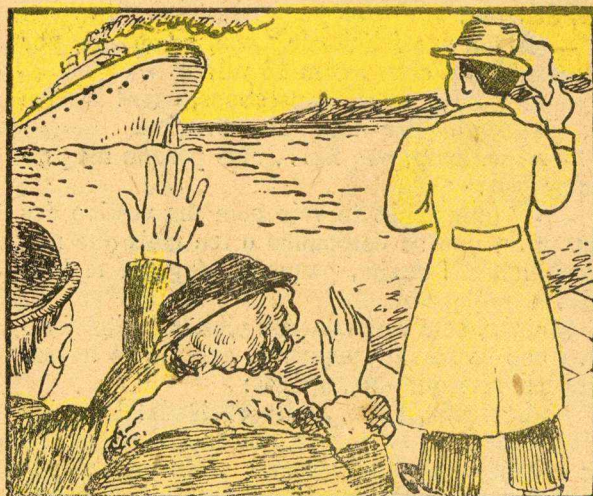
VIRTUDE e BONDADE

Por MARIA ALDA NEVES DE GRAÇA MIRA

GININHA atingira os 12 anos de idade, e o pai resolveu interná-la num colégio da Capital. Nunca se tinham separado, o que mais agravou a tristeza das despedidas. No cais, tendo o vapor dado o último sinal de partida, foi com muita dificuldade que Gininha se resolveu a embarcar. Mas tinha de ser... Chegara à idade de pensar sèriamente nos estudos, para se fazer uma mulherzinha prenodada e instruída — uma mulher útil. Já no vapor que a transportaria à Capital, ainda acenava, com o seu lençinho, as últimas despedidas ao pai extremo e outros amigos que, no cais, viam, com tristeza, o barco afastar-se.

No colégio, a Gininha dá boa conta de si: estudante aplicada, sempre com boas «notas» e de comportamento irrepreensível.

Certo dia, à hora do recreio, dirige-se-lhe um condiscípulo e diz-lhe:



— «Sabes, Gininha, que a Lena chega amanhã? Queres ir esperá-la?»

— «A Lena?...»

— «Sim, a Lena, a minha priminha...»

Gininha lembrava-se muito bem da Lena que por motivo de doença se encontrava ausente do colégio e que, finalmente restabelecida, regressava.

Muito vaidosa, muito orgulhosa da sua riqueza e pergaminhos, Lena só pensava em festas, passeios e «toilettes», nada se preocupando com os estudos.

Eram bem tristes as recordações que a Gininha conservava dessa sua condiscípula, sem que o seu coraçãozinho, terno e bom, pudesse compreender as causas da sua repulsa por ela, bem como o pouco apreço que lhe votavam as condiscípulas.

Raramente a incluíam nos programas das festas realizadas no colégio, afastando-se dela, sistematicamente.

Acedeu Gininha em ir esperar a Lena. De volta da estação, Lena conversava com o primo e com as outras raparigas, esquecendo por completo Gi-



ninha, a quem não dirigia uma única palavra. Foi o primo quem lhe chamou a atenção para Gininha, dizendo:

— «Ainda não felicitaste, Lena, a Gininha, por ter passado de classe com 18 valores!»

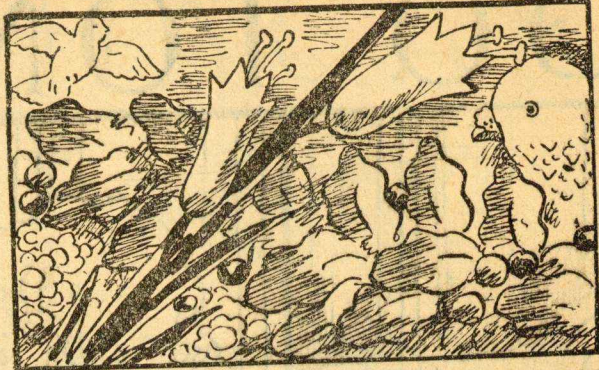
— «Então... os meus parabens, Gina! E ouvi cá: Fizeste algumas «toilettes» novas?»

— «Não, Lena, não fiz... Mas porque me perguntas isso?»

— «E' que ainda te vejo com um vestido dos poucos de que se compunha o teu mais que modesto enxoval! Assim, pequena, ninguém te ligará!...»

Gininha, sem se perturbar, olhinhos muito abertos, como se no seu pequenino cérebro se tivesse feito luz, retorquiu-lhe, apenas:

— «Obrigada, Lena, muito obrigada! Devo-lhe este agradecimento porque, graças a si, desvendei um mistério que me torturava... Eu receava o seu desprezo por mim fôsse motivado por eu ser, acaso, dotada de más qualidades, por me compor-



tar mal, por não ser estudiosa — ainda que de tal a minha consciência não me acusasse... Vejo, afinal, que se tratava de uma questão de enxoval, de «toilettes»... Ainda bem! Sinto-me contente, muito contente!...»

Vésperas de Natal! O último turno de alunas que parte no gozo de férias, despede-se das professoras. Destas, uma, que se distingue pela sua bondade e rectidão, observa:

— «Só a Lena é que fica, coitadinha! Aqui está um caso em que para nada lhe serviu a riqueza, os pergaminhos e as «toilettes»!...»

E' que a directora resolvera que Lena não fôsse gozar as férias a casa da família, como castigo pelo seu irregular comportamento e falta de aplicação ao estudo.

Gininha, após um momento de reflexão, dirige-se à directora e diz-lhe:

— «Venho pedir-lhe um grande favor, minha senhora... se me autoriza a passar as férias no colégio?...»

— «Que estranho pedido o seu, menina?! Que disparate é êsse?!»

— «E' que eu desejava ficar fazendo companhia à Lena...»

Lena, que tudo ouvira, corre, abança-a e, chorando comovidamente, diz-lhe: — «Obrigada, Gininha!»

A directora, a quem esta cena muito sensibilizara, acabou por perdoar a Lena.

Gininha tem agora, no colégio, como rival na muita aplicação ao estudo e no comportamento sempre exemplar: — a Lena que, depois dos factos que relatamos, passou a ser a sua melhor amiga. Os prémios são disputados pelas duas, sempre amigavelmente.

E' que Lena modificou-se por completo, tendo chegado, sem grande dificuldade, a estas conclusões:

— «Não é motivo para se desprezar uma condiscípula o facto dessa condiscípula ser pobre e levar para o colégio um enxoval de harmonia com a sua modéstia, e que a maior e mais apreciável riqueza duma rapariga é conduzir-se, sempre, vida fora, pelo caminho da Virtude e da Bondade.

ANTONINHO E MANECAS

POR MANUEL FERREIRA



QUANDO o Antoninho ia, para as propriedades de seu pai, passar as férias, nos arredores de Lisboa, vinha sempre dar dois dedos de conversa com êle, o Manecas, filho do caseiro.

Da mesma idade, os miudos davam-se bem. Antoninho andava sempre bem vestido, blusa de malha de réde, gravata de fantasia. O Manecas andava, pelo contrário, com um fatinho modesto e quasi sempre bem rotinho.

Porém, ás vezes, havia entre êles as suas quisilias. O menino fino e lisboeta começava a elogiar a cidade e a dizer mal da vida campestre:

—«Eu não sei como vocês conseguem viver! Não vão a teatros; não vão a cinemas... Não há nada como viver na cidade...»

—«Nem por isso, menino. Olhe que na cidade não andam, nem saltam, nem correm por aí fora, como na aldeia. No campo há mais liberdade.»

Antoninho tornava, teimosamente:

—«Pois sim. Mas não andam vestidos como nós lá andamos...»

Manecas, porém, respondia:

—«Não andamos, assim, no trabalho mas quando vamos às feiras ou às festas nem parecemos os mesmos.»

O menino fino observou, desdenhoso:

—«Não queres dar o braço a torcer. Contudo os trabalhos do campo não se comparam nada aos da cidade...»

—«Mas são mais pitorescos. Olhe lá, já viu uma *desfolhada*?»

—«Não. Mas faço idéa. Deve ser uma sensaboria...»

—«A *desfolhada* talvez mas o engraçado é o *vira*.»

—«O que vem a ser o *vira*?»

—«Ora vejam lá... Um menino que não sabe o que é o *vira*. São os bailaricos cá da gente.

E, olhe lá, a propósito, o menino já viu uma pereira dar maçãs?»

—«Eu? Pode lá ser isso... Uma pereira dá peras e uma macieira é que dá maçãs...»

O saleiro riu-se com gosto. E observou:

—«Nunca viu um enxerto?»

—«O que é um enxerto?» Nós, na cidade, chamamos *enxerto* a uma tarteira...»

—«Pois, cá, o enxerto é o que nós fazemos a uma árvore para dar fruto diferente.»

Antoninho via que estava a perder terreno. Mas arriscou:

—«O campo não é tão bonito como a cidade...»

Manecas retorquiu:

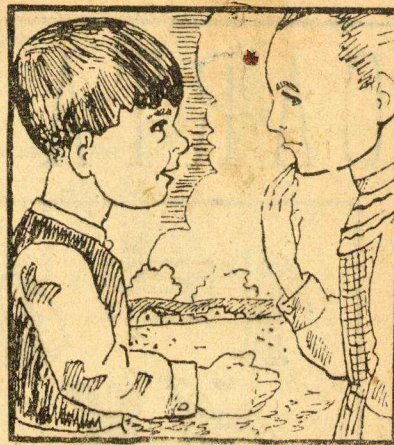
—«Cada cousa no seu género. Os meninos em Lisboa têm automóveis, montras, teatros, «eléctricos». Nós temos o nascer e o pôr do sol, os campos, as searas, os trabalhos agrícolas... Olhe lá, já viu nascer o sol?»

—«Não, nunca vi...»

—«Vê? É um menino fino e ainda não admirou um espectáculo tão lindo.»

Antoninho tentou ainda:

—«Mas vocês, na aldeia, não têm



brinquedos, soldados de chumbo, bonecos, etc.»

—«Pois claro que não. Mas não o invejamos. Fazemos cavalos de cana; dum jornal velho, um chapéu; dum pau, um chicote. Fazemos, também, moínhos... Já vê o menino...»

—«Não sei como não se aborrecem de viver cá?»

—«Olhe lá, e o menino aborrece-se de viver em Lisboa?»

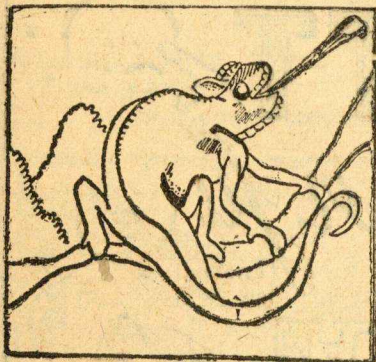
—«Eu, não. — retorquiu o Antoninho. — Mas, quando posso, venho ver o campo...»

—«E' tal e qual como eu. — (concluiu o Manecas) — Quando posso vou ver a cidade. Mas não perco o amor à terra. Nada, que foi aqui que eu nasci e aqui tenho vivido.»

Não acham que o Manecas tinha razão? Se a cidade é bonita, o campo é tão bonito como ela e vêem se nele aspectos lindos que na cidade se não admiram.

E, com campos lindos e com cidades pitorescas, é extraordinariamente formoso o nosso Portugal.

CONCURSO DOS BICHOS



Prosseguindo a série de gravuras representativas dos animais que constituem o nosso concurso dos Bichos, damos hoje mais alguns exemplares que os nossos pequeninos concorrentes facilmente classificarão. Caprichem na apresentação das cadernetas, a-fim de se habilitarem aos prémios e à publicação dos vossos retratos na nossa galeria de honra.



ANEDOTA HIEROGLIFICA

Solução do número anterior

ANEDOTA

— Queres ir até ao Jardim Zoológico?
— Não, obrigado. Para que hei-de ir ao Jardim? Fico em casa. A minha filha mais velha anda como um cangurú. A outra veste como uma arara. O meu rapaz corre como uma lebre. Minha mulher fala como um papagaio. O criado ás vezes parece um urso. E há quem diga que eu pareço um macaco.

Vendo passar uma ama preta, amamentando um pequenino branco, Carlitos pergunta, ingenuamente, à sua mamã:

— «Ó mãzinha, o que aquele menino mama é chocolate, não é?»

CARTA HIEROGLÍFICA

1 -AO +EE A

.K da 1 a

KI VOL e

- !

-G de -o ! va

U al

-RO -RP +PR ani

i TTT

-JO ra DD ul sr. ju

K G i

i ti 5 S t a ges

Anonimo Falvo da